

TRÊS MENOS EU / 1987

um filme de JOÃO CANIJO

Realização: João Canijo / **Argumento:** João Canijo e Paulo Tunhas / **Fotografia:** José Luís Carvalhosa / **Montagem:** Sabine Franel / **Som:** Joaquim Pinto / **Música:** José Mário Branco / **Cenários e Guarda-roupa:** Maria José Branco / **Assistentes de Realização:** Jaime Silva e Fernando Vendrel / **Assistente de Imagem:** Alexandre Gonçalves / **Interpretação:** Rita Blanco (Rita), Anne Gauthier (Anne), Isabel de Castro (mãe de Rita), Ana Maria Pinto (irmã de Rita), Pedro Hestnes (António), João Cabral (Fernando), Paulo Rocha (cliente da discoteca), Manuela de Freitas (voz *off* da tia Rita).

Produção: Filmagem, Les Filmes du Passage / **Produtores:** Paulo Branco e Paulo de Sousa / **Cópia:** 16mm, cor, falada em português e em francês e legendada em português nos diálogos em francês / **Duração:** 85 minutos / **Estreia Mundial:** Festival de Roterdão, Janeiro 1988 / **Estreia em Portugal:** 3 de Junho de 1988, no Cinema Quarteto / **Primeira exibição na Cinemateca:** 19 de Fevereiro de 1988 (Ante-estreia).

Como escreveu João Canijo em 1988 na “folha” que acompanhou a ante-estreia de **Três Menos Eu** na Cinemateca: “o filme nasceu da disponibilidade do produtor em produzir um filme novo, desde que se fosse capaz de adaptar o projecto aos meios existentes.” Esse produtor era Paulo Branco que, sensivelmente na mesma altura, por ocasião das primeiras exibições do filme no estrangeiro, declarava a um jornal que, uma vez ganha esta aposta e recuperado o investimento financeiro, Canijo teria a oportunidade para realizar um segundo filme com melhores condições de produção. O filme seguinte, que capitalizaria os bons resultados desta primeira experiência seria **Filha da Mãe**, produzido por Paulo Branco dois anos depois.

A simplicidade de meios desta primeira obra de Canijo é desde logo visível no suporte escolhido. **Três Menos Eu** abdicou das qualidades da película de 35mm por um 16mm que lhe garante a granulosidade da imagem e um aspecto geral mais artesanal que o aproximam do real. Filmar deste modo não era contudo uma atitude inédita ou rara no final dos anos 80 em Portugal, pois só assim se fizeram muitos filmes que, de outra forma, nunca poderiam ter sido realizados.

Assentando numa estrutura triangular e baseando-se em três personagens bem desenhadas, o argumento directo, inteligente e sensível de **Três Menos Eu** (escrito por Canijo em parceria com Paulo Tunhas) valeu-lhe um prémio atribuído anualmente pelo Instituto Português de Cinema. As verdadeiras protagonistas da narrativa são duas primas no final da adolescência que se reencontram em Lisboa e decidem passar umas curtas férias junto ao mar. Anne, filha de pais emigrados em França, chega a Portugal para passar uma estadia longe da sua mãe, irrompendo com brusquidão na casa dos tios e na vida da sua prima Rita. A uma distância de mais de vinte anos será curioso notar que a questão da emigração, que aqui é afluída ao de leve, mas que domina todo o filme em virtude de uma grande parte dos diálogos ser proferida em francês, conquistará grande expressão na

obra posterior de Canijo. **Ganhar a Vida** (2000) centra-se precisamente na comunidade portuguesa emigrada em França.

A cumplicidade e a rivalidade destas duas raparigas marcam então uma narrativa que nos faz recuar ao momento da transição para a idade adulta (uma característica comum a muitos filmes de juventude) e ao final dos anos 80, com os seus *walkman*, discos de música pop, modas e penteados, espaços urbanos,... Elementos que contribuem para a força documental de um filme que se desenvolve paralelamente à ficção que lhe subjaz. Não será coincidência a correspondência de nomes entre as personagens e as suas intérpretes num filme luminoso que se parece construir à medida da sua rodagem e onde existe muito espaço para a improvisação. Dado o peso da realidade e do acaso nesta primeira obra mais longa de Canijo, não será excessivo evocar o célebre “aforismo” de Godard segundo o qual todo o grande filme de ficção tende para o documentário e vice-versa.

E se muitos costumam evocar Eric Rohmer para falar deste filme, salvaguardadas as devidas diferenças, o espírito livre que atravessa **Três Menos Eu**, o modo como coloca as personagens em situação, e toda a sua melancolia de um tempo irremediavelmente perdido, faz-nos também pensar em **Stranger Than Paradise**, longa-metragem realizada por Jim Jarmusch três anos antes, que também se organizava em torno da inesperada chegada de uma “prima” do estrangeiro, que dava azo a todo um conjunto de movimentos improvisados. Mas o que têm ainda em comum estes filmes? O facto de se desenvolverem numa geometria triangular que, se em **Stranger Than Paradise** dá preponderância ao elemento masculino, em **Três Menos Eu** faz prevalecer o lado feminino.

À semelhança do que acontecerá noutros filmes posteriores de Canijo como **Filha da Mãe** (1990) ou **Sapatos Pretos** (1998) encontramos aqui mais um dos seus recorrentes trios amorosos, se bem que ainda numa fase juvenil. Rita quer uma amiga com quem partilhar segredos (como confirma a curiosa opção pela voz *off* que vai pontuando o filme, acompanhando os seus pensamentos mais íntimos), mas encontra uma amiga que também quer uma relação amorosa com António/Pedro Hestnes. Hestnes ocupa assim o terceiro vértice do triângulo, revelando já, num dos seus primeiros grandes papéis no cinema (**Três Menos Eu** precede filmes como **Tempos Difíceis**, **Agosto** ou **O Sangue**) todas as qualidades que fariam dele um dos mais carismáticos actores que surgiam no final dos anos 80, acompanhando toda uma “nova vaga” de jovens realizadores. Mas o principal papel cabe a Rita Blanco, numa das primeiras frutíferas colaborações com Canijo, constituindo esta dupla uma das mais fiéis associações entre um realizador e uma actriz no universo do cinema português. A primeira vez que haviam trabalhado juntos foi em 1984 na curta-metragem **A Meio Amor**, mas muitos serão os filmes comuns posteriores a **Três Menos Eu**, entre os quais **Filha da Mãe**, **Ganhar a Vida** e **Noite Escura** (2004). Colaboração que se estendeu ainda ao teatro com *Crimes do Coração*, de Beth Henley (do mesmo ano que **Três Menos Eu**), *Jogos de Praia*, de Whitehead, ou *Confissões ao Luar*, de Eugene O'Neill.

E, como acontece em tantas primeiras obras, **Três Menos Eu** convoca inúmeras referências: Paulo Rocha, como personagem, Charrua, na pintura (o quadro que é tantas vezes “enquadrado”), todo um universo do cinema francês, etc. Mas, mais do que o trabalho a partir destas referências, ou do que a trivialidade das situações vividas pelos três protagonistas, o que conta é a transparência das emoções que manifestam, a sua “verdade”, no que se confirma como um regresso ao final de uma adolescência e a uma espontaneidade sem compromissos.

Joana Ascensão

O texto originalmente escrito em Novembro de 2010, quando o filme foi apresentado no Ciclo “Cinema Português: Primeiras Obras, Primeiras Vezes”.